



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Vol. 16, número 1, jan-jun, 2023, pág. 177-197

Adolescência e prática do *cutting*: relato de experiência no
Plantão Psicológico

Adolescence and the practice of *cutting*: experience report in the
Psychological Duty

Elcilene Lima de Macêdo
Ewerton Helder Bentes de Castro

Resumo

O adolescer é caracterizado como um período de grandes e profundas transformações. Um aspecto muito presente e que tem sido trazido na literatura diz respeito às questões emocionais exacerbadas e situações com as quais não conseguem lidar. Diante disso, ocorre a prática da autolesão ou *cutting* que, diga-se de passagem, tem apresentado alta prevalência entre estudantes de ambos os gêneros. O objetivo deste estudo foi compreender a dimensão da prática da autolesão na vida de um estudante do ensino fundamental acompanhado pelo Plantão Psicológico na Escola, em Manaus. O percurso metodológico é o método fenomenológico de pesquisa em Psicologia em seu viés descritivo e exploratório, viés qualitativo. A escuta foi embasada no referencial teórico de Maurice Merleau-Ponty a partir de constructos teóricos como corporeidade, corpo próprio, corpo simbólico, intercorporeidade. O participante é aluno do ensino fundamental, 13 anos, gênero masculino, raça preta, sem religião. A escuta propiciou aprofundar no sentido da ação e como fatores que predispõem a autolesão estão os relacionados à culpa pela morte do pai, o luto por essa perda significativa, medo e frustração de não saber como lidar com determinadas situações e isso tem originado conflitos emocionais que resultam na autolesão. Conclui-se que a escuta ativa possibilita o redimensionamento do ser-si-mesmo e a compreensão da pluridimensionalidade do corpo e da experiência do corpo que é meu, um corpo que sou eu da obra de Ponty.

Palavras-chave: Autolesão; adolescente; plantão psicológico.



Abstract

Adolescence is characterized as a period of great and profound transformations. A very present aspect that has been brought up in the literature concerns exacerbated emotional issues and situations with which they cannot deal. In view of this, there is the practice of self-injury or cutting, which, by the way, has been highly prevalent among students of both genders. The objective of this study was to understand the dimension of the practice of self-injury in the life of a high school student accompanied by the Psychological Duty at School, in Manaus. The methodological route is the phenomenological method of research in psychology in its descriptive and exploratory bias, qualitative bias. Listening was based on the theoretical framework of Maurice Merleau-Ponty from theoretical constructs such as corporeity, own body, symbolic body, intercorporeity. The participant is an elementary school student, 13 years old, male, black, with no religion. Listening provided a deeper understanding of the action and how factors that predispose to self-injury are those related to guilt for the father's death, mourning for this significant loss, fear and concealment of not knowing how to deal with certain situations and this has led to emotional conflicts that result in self-injury. It is concluded that active listening enables the re-dimensioning of the being-oneself and the understanding of the pluridimensionality of the body and the experience of the body that is mine, a body that is me in Ponty's work.

Keywords: Self-injury; adolescent; psychological duty.

Introdução

O adolecer é caracterizado como um período de grandes e profundas transformações. A adolescência é um período importante no processo evolutivo do ser humano, no qual ocorrem muitas mudanças físicas, psicológicas, emocionais e sociais (Silva; Silva, 2017).

A adolescência, além de compreender fatores biológicos, muitas de suas características dependem de fatores socioculturais, representando um estágio de desenvolvimento da personalidade (Alves, 2020). Além disso, a adolescência é uma "idade psicológica", uma vez que o desenvolvimento passa a ser considerado como um processo que não ocorre automaticamente,



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

nem é fatalmente determinado pelo amadurecimento do organismo, mas tem principalmente uma determinação histórico-social (Rodrigues, 2020).

Nesse contexto, de acordo com Silva e Silva (2017) trata-se de um período acompanhado por pressões e a necessidade de sentir uma sensação de pertencimento e de ser aceito em grupos. Logo, é no período da adolescência que os jovens lidam com as questões emocionais de forma exacerbada e situações com as quais não conseguem lidar. Diante disso, ocorre a prática da autolesão ou *cutting*.

A *cutting* trata-se de um comportamento de agressividade autodirigida e possui variáveis motivações, Couto e Cunha (2017) definem como uma prática autolesiva que não esteja relacionada à intenção de suicídio ou à um sintoma de alguma patologia específica, mas uma lesão praticada para alívio da dor, sentimento ou frustração. Cedaro e Nascimento (2013, p. 206) afirmam que: "uma pessoa que tenta suicídio procura acabar com todos os sentimentos, mas uma pessoa que se mutila procura se sentir melhor".

Na visão de Kaplan, Sadock e Grebb (2017), o comportamento autolesivo sem motivação cultural ou religiosa, mesmo sem intenção suicida, pode ser considerado patológico e merece atenção. Tais comportamentos não são validados socialmente e acredita-se que sejam multifatoriais e possam ter motivações biológicas, psicológicas e/ou sociais. Seus principais fatores de risco são certas características pessoais, certos tipos de doenças, disfunções na esfera familiar e social, traumas na infância, bullying, etc. (Giusti, 2013).



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Partindo dessa premissa, o presente estudo tem como objetivo compreender a dimensão da prática da autolesão na vida de um estudante do ensino médio acompanhado pelo Plantão Psicológico em uma escola na cidade de Manaus. E como objetivos específicos: relatar a experiência vivenciada no plantão psicológico, abordar a prática de *cutting* a partir da Fenomenologia de Merleau-Ponty; e ainda, compreender a prática da autolesão a partir da escuta de um adolescente.

A escolha da temática se deu a partir da relevância social, em que, o estudo é necessário para compreender e evidenciar as dimensões da autolesão no contexto da adolescência, visto que, trata-se de um indivíduo em processo de formação de conceitos, comportamentos e que é um ator crucial para o desenvolvimento de nossa sociedade.

Quanto a pertinência acadêmica, destaca-se que, enquanto futuros profissionais de psicologia, devemos compreender as percepções e significados da autolesão para o adolescente, considerando o cenário fenomenológico de Merleau-Ponty, onde o ser humano é o próprio corpo. Uma vez que, a adolescência é um período importante no processo evolutivo do ser humano, no qual ocorrem muitas transformações, assim, o adolescente que comete esse ato, tende a uma agressão autodirigida como forma de aliviar suas dores e problemas psicológicos.

E por fim, no que tange a relevância pessoal, trata-se de um assunto de grande importância, visto que os jovens são o futuro de nossa sociedade, e ainda, nos remetem a necessidade de evidenciar todos os danos psicológicos desses indivíduos, que permeiam entre a infância e a fase adulta.



Método

Trata-se de um relato de experiência com características de um estudo descritivo e exploratório de natureza qualitativa. Conforme Daltro e Faria (2019), o relato de experiência caracteriza-se por uma multiplicidade de opções teóricas e metodológicas, cujo intuito é a valorização da explicitação descritiva, interpretativa e compreensiva de fenômenos circunscrita no tempo histórico.

Já a abordagem qualitativa se baseia na existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, na interdependência viva do sujeito e do objeto, no vínculo inextricável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (Corrêa; Oliveira; Oliveira, 2021). Portanto, o conhecimento não se reduz a dados isolados, conectados pela teoria, o sujeito da observação é parte integrante do processo de conhecimento, e interpreta os fenômenos, dando-lhes significado.

O relato de experiência é um texto que descreve precisamente uma dada experiência que possa contribuir de forma relevante para sua área de atuação (Marconi; Lakatos, 2019). Logo, é a descrição que um autor ou uma equipe fazem de uma vivência profissional tida como exitosa ou não, mas que contribua com a discussão, a troca e a proposição de ideias para a melhoria do cuidado na saúde. É a descrição da experiência tida pelo discente.

Dentre os tipos de pesquisa científica, para o estudo em comento, englobaram-se em pesquisa bibliográfica, cuja consistência está na coleta de informações a partir de textos, livros, artigos e demais materiais de caráter científico. No qual possibilita uma fundamentação teórica de autores que são referenciais nas temáticas expostas (Pereira, et al, 2018);



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

O estudo foi desenvolvido durante a vivência profissional na área de psicologia, onde foram realizadas 04 (quatro) sessões de atendimento na Escola Estadual Ernesto Pinho Filho, com duração de aproximadamente 60 minutos, aproximadamente, para cada sessão.

Vale ressaltar que, a abordagem utilizada para o desenvolvimento da psicoterapia trata-se da Fenomenologia de Merleau-Ponty (2006), em que o corpo é um todo, não um objeto em si, mas um sujeito existente no mundo; a consciência perceptiva não é imanência absoluta, mas presença física no mundo. Assim sendo, o sujeito que percebe é essencialmente um sujeito secular (Lima, 2014).

Para técnicas de coleta de dados do relato de experiência, o método de coleta de dados é através da entrevista e do processo de escuta. Evangelista (2013) afirma que a verdadeira compreensão se dá através da escuta atenta, essa é por sua vez, a ferramenta mais valiosa de um psicólogo. Diante disso, o caráter terapêutico é essencialmente a renúncia dos achismos prévios, deixando o outro se mostrar como ele realmente é.

Ainda de acordo com o autor, a escuta terapêutica está voltada de modo aberto e receptivo para o paciente e tomando-o como ponto de partida, em que, o paciente se mostra em seu modo de existir para uma escuta aberta, que não sobrepõe a ele e o deixa-ser tal como ele é (Evangelista, 2013). Logo, a escuta é aberta na medida em que não o impede de ser como ele se mostra.

O paciente elucidado na pesquisa possui 13 anos, cursa o ensino médio, é do gênero masculino, raça negra e ao ser indagado sobre sua religião apenas mencionou sua crença em Deus e



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq

ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

considera-se sem religião. Para caracterizá-lo descreve-se apenas como paciente.

Quanto as ressalvas éticas, a pesquisa segue as premissas da Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, que aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos.

O Código de Ética Profissional do Psicólogo, no que diz respeito a conduta e procedimentos utilizados pelo pesquisador, conforme o Art. 16:

O psicólogo, na realização de estudos, pesquisas e atividades voltadas para a produção de conhecimento de tecnologias: (a) Avaliará os riscos envolvidos, tanto pelos procedimentos, como pela divulgação dos resultados, com o objetivo de proteger as pessoas, grupos, organizações e comunidades envolvidas; (b) Garantirá o caráter voluntário da participação dos envolvidos, mediante consentimento livre e esclarecido, salvo nas situações previstas em legislação específica e respeitando os princípios deste Código; (c) Garantirá o anonimato das pessoas, grupos ou organizações, salvo interesse manifestos destes; (d) Garantirá o acesso das pessoas, grupos ou organizações, aos resultados das pesquisas ou estudos, após seu encerramento, sempre que assim o desejarem (CFP - Código de ética do Profissional da Psicologia, 2005, não paginado)

Logo, como modo de assegurar a veracidade dos fatos e efetivar a pesquisa com base na resolução supracitada, serão seguidos o código de ética do profissional de psicologia.

Resultados e Discussão

Compreender os enredos em torno da automutilação na adolescência, desperta a carência por conhecer o que está ao seu



redor e quais as motivações que a despertam. Uma vez que, ainda que a voz se cale o corpo ainda falará, e nesse estrito caso, o corpo é vítima. Vítima do pensamento, vítima da dor, vítima do alívio e correspondente dos sentidos.

De acordo com Merleau-Ponty (2018), o corpo é um ponto de vista do mundo que expressa comportamentos que permitem o ajuste no ambiente da vida. É uma forma de perceber, sentir e vivenciar. A expressão do corpo ocorre por meio da experiência vivida em que o indivíduo constrói seus sentidos para entendê-los por meio da sensibilidade. O que é visível consiste no que atinge o olho. Portanto, para perceber a visão e o sentimento, é preciso ter uma compreensão abrangente do significado e da natureza do corpo.

Para tanto, dividiu-se o relato de experiência em 04 atendimentos, no qual, se caracterizou da seguinte maneira; a dor, o corpo e a culpa; o início da mudança e os vestígios das dores; o corpo assume a culpa; e o jogo e a vida real.

1º Atendimento – A Dor, o Corpo e a Culpa

O adolescente buscou atendimento psicológico relatando que está praticando o *cutting* devido a não aceitação da perda de seu pai há dois anos, enfatizando que se culpa pela morte dele. No primeiro contato, diante do acompanhamento confirmou-se o luto, no qual, o aluno afirma que a prática da autolesão ocorreu após a morte do pai e a partir de então, passou a não gostar do seu corpo, e nem sequer olha-se no espelho.

Para Merleau-Ponty (2018), o corpo é sempre um espaço expressivo. O corpo não é uma camada externa da existência, mas uma expressão de si mesmo, pois “o corpo expressa a forma da existência a cada momento” (Merleau-Ponty, 2018, p. 223). Para o



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

autor, “se o corpo pode simbolizar o ser, é porque o realiza, porque é sua realidade” (Merleau-Ponty, 2018, p.227).

Logo, o ato de não gostar de si e do próprio corpo expressa a vontade de não existir do adolescente, ou do existir e não gostar de si pela autculpa da morte de seu pai.

Ainda em sua primeira sessão, o discente descreveu a morte de seu pai:

Ele dormiu no volante. Meu pai estava mais ou menos um mês separado da minha mãe e isso já me doeu muito, e a partir daí, ele passou a beber muito, tanto que no dia anterior da morte dele ele bebeu e não dormiu a noite, aí dormiu no volante.

Dentro da narrativa do adolescente é notável o sentimento de culpa, não somente pelas circunstâncias em que o seu pai morreu, mas pelo modo em que isso aconteceu. Conforme Miranda (2017), a culpa que surge e com o vazio que se torna presente devido à ausência do pai.

Em consoante, o aluno afirma:

Eu me culpo pelo meu pai ter morrido. Era pra eu ter ido dormir com ele na noite anterior ao dia que ele morreu, se eu tivesse dormido lá, ele não tinha bebido tanto, tinha dormido a noite e não tinha acontecido o acidente porque ele não ia dormir no volante.

A separação dos pais é algo que afeta diretamente os sentimentos dos filhos. A culpa pela não ida ao encontro do pai, foi o suficiente para que o jovem tenha se sentido culpado diante das facticidades ocorridas ao pai. Segundo Alves (2020), a adolescência que perpassa pela separação dos pais exprime sucessivas contradições em todas as manifestações de



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

comportamento, dominadas pela ação, que constitui a forma mais típica de expressão conceitual desse período de vida.

Nesse sentido, a autolesão ocorre como modo de se castigar pela culpa, onde o ser humano é o próprio corpo. Conforme o paciente, a autolesão:

É como trocar a dor física pela psicológica, mas alivia. Ultimamente estou tendo insônia, durmo três, quatro horas da manhã e acordo quase na hora de vir pra aula. Levanto na marra, a vontade é de ficar o dia todo sem se levantar.

Na perspectiva de Merleau-Ponty (2018), o corpo não é um objeto porque nos envolve e só pode ser observado por outro objeto inobservável. A partir disso, o viés histórico pode ser vinculado ao modo fenomenológico de conceber o corpo. Claramente, na automutilação, o corpo é visto não como "eu" (o corpo de alguém), mas como "ele" (o objeto) no âmbito impessoal. O momento histórico da experiência contemporânea favorece esse modo de se relacionar, considerando o corpo como uma mercadoria, um objeto que pode ser restaurado, transformado, consertado ou mesmo, comprado.

Dessa maneira, o comportamento de automutilação é para aliviar o sofrimento psíquico do luto de seu pai, visto como problema familiar, que desvelam marcas na pele e conseqüentemente surgem sintomas de depressão, angústia, medo e ansiedade desfalecendo pensamentos positivos sobre a vida

De acordo com Reis (2018), é por isso a automutilação emerge como uma proposta a uma tentativa de transmitir e revelar o momento atual vivido por uma pessoa em relação ao mundo, tentamos considerar cada pessoa em sua realidade única mais profunda para entender.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Ao indagá-lo sobre qual foi a última vez que se cortou, o adolescente afirmou que já superava um mês, mas a vontade de se matar é algo vivo dentro de si, vide fala.

Eu já pensei em me matar várias vezes, mas não tive coragem. Eu penso muito na minha mãe, ela não merece sofrer mais do que já sofreu e, se eu morrer, ela vai sofrer muito. Às vezes fico pensando que eu só dou trabalho, parece que tudo que faço está errado ou dando preocupação para alguém, então, prefiro sofrer sozinho.

Nesse sentido, o comportamento suicida por sua vez, retrata o processo da formulação dos pensamentos, o planejamento estruturado e a tentativa do suicídio propriamente dito a ser infligido a si mesmo. A tentativa de suicídio é considerada como um ato interrompido, que a pessoa não consegue consumir o seu próprio óbito.

O sentido dos gestos não é dado, mas compreendido, quer dizer, retomado por um ato do espectador. Toda dificuldade é conceber bem este ato e não o confundir com uma operação do conhecimento. Obtém-se a comunicação ou compreensão dos gestos pela reciprocidade entre minhas intenções e os gestos do outro, entre meus gestos e as atitudes legíveis na conduta do outro. Tudo se passa como se a intenção do outro habitasse meu corpo ou como se minhas intenções habitassem o seu (Merleau-Ponty, 2018, p.251).

Logo, o corpo é conectivo com o outro, no caso, com o pai, assim, a vontade de morrer, de dar fim a vida, e se (re)conectar com o outro e consigo mesmo por conta do luto. O adolescente ainda afirma que, os pensamentos de se matar ocorrem “*uma vez*



ou outra, tenho. Mas, é quando estou triste [...]. Antes eu chorava todos os dias e eu pensava todos os dias em me matar.”

Em meio aos conflitos evidenciados na adolescência, atrelados à vivência em uma sociedade com uma estrutura social mais fragilizada, os jovens estão relacionados a vulnerabilidade genética, psiquiátrica, psicológica, além dos aspectos familiar, social e cultural (Silva; Botti, 2017). Deste modo, a pluralidade dos modos de viver a adolescência na sociedade contemporânea possibilita que a passagem por esse período seja atravessada por diferentes experiências e contextos.

Nesse viés, o aluno se autointitula errado ou que demanda preocupação para sua mãe, logo, vive o processo de luto para si. Logo, a frequência de pensamentos suicidas ainda perturbava o adolescente, que para fugir deles, iniciou a prática de musculação para ocupar sua mente.

2º Atendimento – O início da mudança e os vestígios das dores

O paciente chegou risonho e bem descontraído. Perguntou-se como foi a sua semana, ele responde que fez várias coisas, dentre elas, iniciou um trabalho com a sua mãe, onde ganha R\$ 50,00 por semana. O paciente passou a ter uma rotina onde acorda às 6hs, toma café e das 7hs às 11hs trabalha no mercadinho ajudando a mãe, e a tarde vai para a escola e quando volta vai para a academia. Dentre as novidades e o início de mudanças de rotina, ressaltou seu emagrecimento, pois quer ficar um pouco mais magro e com o corpo melhor.

Ao indagar sobre os pensamentos de tristeza, o paciente afirmou que com as mudanças só se sentiu triste duas vezes, em sua casa e na escola. Assim, descreveu:



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Eu não sei dizer direito... eu venho todos os dias pra aula com uma amiga e nesse dia, ela não veio, eu vim sozinho, eu já vim com aquela inquietação, aí começou a acelerar meu coração, não conseguia respirar direito, aí fui pedir à professora pra ser liberado, ela gritou comigo, disse que eu só passava mal na aula dela, sendo que é a primeira vez que isso acontece, e como eu já estava ruim, esqueci de colocar meu nome no trabalho e aí que ela falou mesmo. A outra vez que fiquei triste, foi no primeiro dia que comecei a trabalhar. Eu estava com muito sono, não estava acostumado acordar cedo, então, falei para minha mãe que não ia para a aula porque estava com muito sono e tinha medo de dormir na sala de aula, ela brigou comigo, eu comecei a chorar.

Nota-se que os momentos me que ele fica sozinho, os sentimentos de tristeza se afloram. Outro fator é quando a mãe o repreende, que descreve chorar. Contudo, afirma que a relação com a sua mãe é muito boa, que ela faz tudo para ele, o sustenta, compra tudo que precisa e ele ainda menciona que, não faz quase nada por ela, intitula-se “meio escroto”.

Todavia, assume que depois que seu pai morreu, tem crises de raiva que afirma não gostar, mas está tentando melhorar.

A primeira vez, foi quando meu pai estava no hospital. Era tristeza e raiva ao mesmo tempo...Minha tia, irmã do meu pai, nem considero ela mais minha tia, não parava de encher o saco, ela atormentava nossas vidas. Ela não deixou minha mãe entrar no hospital para visitar meu pai, meu pai chamava muito pela minha mãe e ela deixou proibido a entrada da minha mãe. Ela queria proibir também minha irmã, mas como ela era filha, ela teve o direito de entrar [...] no velório, foi



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

também outra confusão pra minha mãe entrar, mas ela conseguiu entrar. Eu só gosto de um tio irmão do meu pai, o que é pai daquelas primas que lhe falei que gosto [...] minha mãe não merece isso, já sofreu muito [...] meu pai foi o primeiro namorado da minha mãe, ao mesmo tempo que teve momentos bons, teve triste também. Ele a traía, mas ele morria negando (risos) [...] essa minha tia que falei, infernizava tanto que mesmo depois do meu pai morto, ela ameaçava de passar a nossa casa para o nome do meu avô, pai do papai.

De acordo com o mencionado, Cedaro e Nascimento (2013) também elucidam que problemas sociais e familiares também são considerados fatores de risco para o comportamento autolesivo. Uma vez que, o processo de adoecimento do pai, velório e situações familiares foram algo que rodearam o seu processo de luto e a vida familiar do paciente.

Em consoante, indaguei sobre a convivência com sua mãe e sua rotina com ela, lembrando que moram apenas os dois. O paciente disse que, assistem TV, jantam juntos e conversam sobre a sua sexualidade.

Em suma, no referido atendimento, pontuei que nós humanos não vivemos uma constância em nossas vidas, que vai ter dia que vamos estar tristes e outros que vamos estar alegres, uns dias vamos estar bem-humorados, outros nem tanto, a alternância faz parte do nosso viver. Em relação a mãe dele, o paciente tem para si que é o homem da casa, e que tem que tomar conta da sua mãe, e confirma “*isso, eu não posso falhar.*”

Ao se perguntar como é a adolescência para o paciente, ele diz que “*tá sendo difícil. Muitas coisas ao mesmo tempo.*” Conforme



Silva e Silva (2017), a adolescência é acompanhada por pressões e a necessidade de sentir uma sensação de pertencimento e de ser aceito em grupos. Esse fato torna os adolescentes vulneráveis às influências de seu ambiente (Tardivo, 2018).

Portanto, o aluno é influenciado pela limitação de ser somente ele e a mãe, após a morte do pai.

3º Atendimento – O corpo assume a culpa

O adolescente retorna ao atendimento, com o aspecto triste dizendo: “Voltei aqui porque eu estava triste, aqueles pensamentos voltaram”. Em seguida, perguntei, como são esses pensamentos?

São aqueles pensamentos de que eu só dou trabalho para minha mãe. Depois das nossas conversas eu me cortei uma vez (estendendo o braço direito e mostrando-me os cortes mais recentes). Eu cortei na coxa e na barriga. Lembro do meu pai dizendo que tudo eu achava dificuldade e, é verdade mesmo. Mesmo me cortando uma vez, ainda estou menos ruim do que quando vir aqui a primeira vez. E eu voltei porque percebi que estou ficando triste de novo.

O fato tornou-se a acontecer devido uma discussão com a mãe, após uma brincadeira na qual ela lhe chamou de gordo, e ele ficou com raiva. Era conforme ele, uma brincadeira, mas não gostou. Salienta a vontade de vomitar após as refeições. Foi notável o incomodo com o seu corpo, mas saiu da rotina que estava, que o fez retomar os pensamentos para se machucar.

De acordo com a filosofia fenomenológica de Merleau-Ponty (2018), nesse enredo, a autolesão compreende-se como a encarnação do sofrimento, ou metáforas corporais. A automutilação é boa para pensar sobre a centralidade do corpo como espaço da experiência



humana. Isto é, o paciente retorna a autolesão para expressar a frustração pela briga com a mãe, e recordações infelizes do seu pai.

Conforme Silva e Franch (2020), como toda técnica corporal, a automutilação tem forma, frequência, duração e ritmo. Na maioria das vezes, a frequência com que os automutiladores se cortam podem estar associadas com gatilhos que motivam eles a se cortarem. Nesse caso, a briga com a mãe e a lembrança do pai.

Continuamente, a rotina agora não dá ao sujeito da pesquisa o poder do ser, ele agora, dorme às 5h da manhã, acorda 12h, almoça e segue para aula. A noite assiste filmes e conversa via WhatsApp com seus colegas. Não ajudando nas atividades domésticas.

Assim, pedi para ele dormir mais cedo, e trocar as noites em claro por sonos mais tranquilos, o paciente sorriu e nos despedimos.

4º Atendimento – O jogo e a vida real

Quando cheguei, o adolescente já estava esperando-me próximo a sala do atendimento. Ele adentra dizendo que não conseguiu dormir mais cedo e que hoje tinha acordado 11hs porque pediu à mãe que o chamasse.

Assim, como no atendimento passado ele me disse que ficava no celular com amigos conversando durante a noite, indaguei sobre como são essas conversa. Ele prontamente respondeu, que se trata de jogos. Pedi para explicar:

Joga umas 50 a 100 pessoas, é um jogo de matar o inimigo. Primeiro a gente pula do ônibus, depois a gente abre um baú de armas e vai atrás do inimigo, mas tem que construir os escudos de proteção, como paredes para não morrer. A luta é contra todos onde o último sobrevivente é o vencedor.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Então, notando o objetivo do jogo, afirmei que: “percebes que no jogo você usa as estratégias para sobreviver. Fazendo uma comparação das estratégias do jogo com as estratégias da vida real, como você usa as suas ferramentas para se defender?”

O discente abaixa a cabeça esfregando a testa, e diz:

Nunca tinha pensado nessa comparação. É complicado, essa semana eu pensei em me cortar, mas aí eu falei por diversas vezes para mim mesmo: Não, não vale a pena eu cortar meu corpo porque a dor vai voltar, ela não vai embora junto. Não vai me ajudar em nada. Antes quando me sentia triste, eu desenhava.

Assim, aproveitando o desabafo, perguntei como eram os desenhos, e ele me responde que desenhava apenas os olhos, pegando a caneta e desenhando no papel dois olhos. E quando peço pra ele explicar os desenhos, o paciente afirma “esse olho aqui é quando estou com sono e esse outro é quando estou triste”. Logo, afirmei: E como é vivenciar esse olhar triste, esse olho que chora?

Eu nem sei... é difícil, é igual se olhar no espelho, já foi pior que hoje. Eu me achava muito feio, eu não conseguia tirar foto. Hoje o corpo está mais ou menos, agora é mais o rosto, eu sempre coloco a mão no rosto para esconder a bochecha e o nariz.

Merleau-Ponty (2018) tem a compreensão de que o corpo é condição para ser, assim, o paciente não se vê, se limita a sua estética como forma de se diminuir ao mundo.

Por conseguinte, perguntei: “quando você lembra de mim, como é que lembra? E ele respondeu: “Eu lembro do rosto todo, do que a senhora diz pra mim”.

Logo, falei que,



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

nós não somos só um nariz ou só uma bochecha, nós somos um todo, constituído por nossas histórias. Quando eu olho para você eu não vejo só o nariz, vejo o todo.

Considerações finais

Destaca-se a relevância deste estudo por ter permitido chegar ao conhecimento do fenômeno da automutilação entre adolescentes. Considerando o relato de experiência descrito, a autolesão aponta uma variedade de motivos que leva o adolescente a praticar o comportamento, sendo principalmente de regulação emocional, como aliviar sensações de vazio ou indiferença e interromper sentimentos ou sensações ruins.

Conforme o relato, a autolesão é mencionada pelo adolescente tanto com a função aliviar as emoções como para tentar controlar o sentimento de culpa diante do luto do pai. Assim, a automutilação demonstra-se como um processo de adaptação que os adolescentes praticam quando são expostos a necessidades que os desequilibram.

Ponderando o adolescente como um ser em desenvolvimento psicológico, a compreensão dele enquanto fenômeno requer que compreendamos a essência da própria fenomenologia porque “é em nós mesmos que encontramos a unidade da fenomenologia e seu verdadeiro sentido” (Merleau-Ponty, 2018, p. 2). Logo, o corpo torna-se a via de percepção de sentimentos, onde deixa de ser objeto e passa a ser o contexto vivido. Assim sendo, durante o processo de automutilação, com base na fenomenologia de Merleau-Ponty (2018), o corpo capta as sensações que vem do meio externo e serve como meio de expressão da subjetividade do indivíduo a que pertence.



Revista AMAzônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Portanto, vislumbrando a necessidade de um estudo aprofundado a cerca da temática, deve-se considerar a necessidade de profissionais que estejam preparados para compreender os adolescentes e seus comportamentos, cuja finalidade é enfatizar que a autolesão ainda que se relacione com a dor expressa no corpo, e alivie a mente momentaneamente, é algo indiferente a si mesmo.

A escuta propiciou aprofundar no sentido da ação e como fatores que predispõem a autolesão estão os relacionados à culpa pela morte do pai, o luto por essa perda significativa, medo e frustração de não saber como lidar com determinadas situações e isso tem originado conflitos emocionais que resultam na autolesão.

Conclui-se que a escuta ativa possibilita o redimensionamento do ser-si-mesmo e a compreensão da pluridimensionalidade do corpo e da experiência do corpo que é meu, um corpo que sou eu da obra de Ponty.

Referências

- Alves, Lucas Henrique Barbosa (2020) Algumas considerações sobre a Adolescência. *VIII Congresso Nacional de Educação – CONEDU*. Editora Realize, n.140.
- Cedaro, José Juliano; Nascimento, Josiana Paula Gomes do (2013) *Dor e gozo: Relatos de mulheres jovens sobre automutilações*. USP.
- Corrêa, Avani Maria de Campos; Oliveira, Guilherme Saramago de; Oliveira, Anny Carolina de (2021) O grupo focal na pesquisa qualitativa: princípios e fundamentos. *Revista Prima*, v. 2, n. 1, p. 34-47.
- Couto, Damiriane Lino; Cunha, Luane Seixas Pereira (2017) Marcas na pele: A autolesão sob a ótica da Gestalt-terapia. *Revista IGT na Rede*, v. 14, n.27, p. 233 – 259.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

- Daltro, Mônica Ramos; Faris, Anna Amélia de (2019) Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 19, n. 1, p. 223-237, jan-abr.
- Giusti, Jackeline Susie (2013). *Automutilação: características clínicas e comparação com pacientes com transtorno obsessivo-compulsivo*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo
- Kaplan, Harold I.; Sadock, Benjamin J.; Grebb, John A (2017). *Compêndio de Psiquiatria: Ciências do comportamento e Psiquiatria Clínica*. Artmed.
- Lima, Antonio Balbino Marçal (2014) A relação sujeito e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty. In: *Ensaio sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty* [online]. Editus, p. 77-12.
- Marconi, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria (2019) *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. Atlas.
- Merleau-Ponty, Maurice (2018) *Fenomenologia da percepção*. Martins Fontes.
- Miranda, Amanda Fernandes (2017). *O que eu quero mais é ser rei: morte simbólica do pai e constituição do sujeito – um estudo psicanalítico sobre o filme “O rei leão”*. Centro Universitário de Brasília.
- Pereira, Adriana Soares *et al.* (2018) *Metodologia da pesquisa científica [recurso eletrônico]* /– 1. ed. UFSM, NTE.
- Reis, Carlos Eduardo Soares (2018) Do corpo objeto ao corpo vivido: aproximações entre automutilação e fenomenologia. *IGT na Rede*, [S. l.], v. 15, n. 29.
- Rodrigues, Thayane Alves dos Santos; Rodrigues, Lauane Pereira de Sousa; Cardoso, Ângela Maria Rosas (2020) Adolescentes usuários de serviço de saúde mental: avaliação da percepção de melhora com o tratamento. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria [online]*, v. 69, n. 2, p. 103-110.
- Silva, Everton de Lima (2020) *Queridas lâminas: uma etnografia sobre automutilação* Editora UFPB.



Revista AMazônica, LAPESAM/GMPEPPE/UFAM/CNPq
ISSN 1983-3415 (versão impressa) - eISSN 2558 – 1441 (Versão digital)

Silva, Thayse de Oliveira; Silva, Lebiam Tamar Gomes (2017) Os impactos sociais, cognitivos e afetivos sobre a geração de adolescentes conectados às tecnologias digitais. *Rev. psicopedag.*, v. 34, n. 103, p. 87-97.

Tardivo, Leila S P C (organizadora) (2018) *Adolescência e sofrimento emocional na atualidade*. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. E-Book, v.13

Recebido em 30.11.2022 Aceito em: 15.12.2022 Publicado: 01-01-2023

Autores:

Elcilene Lima de Macedo

Graduanda em Psicologia da Universidade Paulista - Unip. Membro do Grupo de Pesquisa em Psicologia Fenomenológico-Existencial certificado pelo CNPq. Membro do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial LABFEN (FAPSI/UFAM). Membro do Projeto de Extensão Plantão Psicológico em escolas do sistema público de ensino em Manaus. Membro da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LAPFE/UFAM). E-mail: elcilenemacedo@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8313-6074>

Ewerton Helder Bentes de Castro

Doutor em Psicologia pela FFCLRP/USP. Professor Associado da Faculdade de Psicologia/UFAM. Docente do curso de graduação e do Programa de Pós-graduação em Psicologia (FAPSI/PPGPSI/UFAM). Líder do Grupo de pesquisa de Psicologia Fenomenológico-Existencial (CNPq). Coordenador do Laboratório de Psicologia Fenomenológico-Existencial (LABFEN/UFAM). Coordenador do Projeto de Extensão Plantão psicológico em escolas do sistema de ensino público em Manaus (FAPSI/UFAM). Coordenador científico da Liga Acadêmica de Psicologia Fenomenológico-Existencial – LAPFE (FAPSI/UFAM) E-mail: ewertonhelder@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2227-5278>